



Mediação da informação e feminismo negro: uma análise das dissertações e teses dos ppgcis brasileiros (2010-2020)

Ana Patrícia Silva Moura

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil

ana.moura@ufpe.br

Gisele Rocha Côrtes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

giselerochacortes@gmail.com

Maria Cristiana Félix Luciano

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

cristiana2012.felix@gmail.com

Resumo: A pesquisa é oriunda de uma dissertação de mestrado, e tem como objetivo identificar, por meio da mediação da informação, as dissertações e teses vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) brasileiros, que abordam a temática das mulheres negras e feminismo negro; como também analisar os conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas pesquisadoras, evidenciando a subversão e o enfrentamento do racismo e do sexismo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental, descritiva com fase exploratória e abordagem quanti-qualitativa. O corpus foi composto por 17 PPGCIs acadêmicos, dos quais 4 possuem dissertações e teses voltadas para o feminismo negro publicadas nos repositórios institucionais entre os anos de 2010 e 2020. Na amostra do estudo, foram recuperadas 4 dissertações e 3 teses escritas por mulheres. Os resultados apontam que a mediação dos conteúdos informacionais produzidos nas dissertações e nas teses disseminam conhecimento de direitos, visibilizando as desigualdades sociais de raça e gênero e ações de resistência, corroborando para a elaboração de políticas públicas voltadas para a emancipação social das mulheres negras. Conclui-se que é fundamental visibilizar as produções atinentes às mulheres negras e feminismos para a subversão da invisibilização dos lugares de marginalização epistêmica alocados às mulheres negras.

Palavras-chave: Feminismo negro; Mediação da informação; Mulheres negras.



Mediación informativa y feminismo negro: un análisis de disertaciones y tesis de los PPGCI brasileños (2010-2020)

Resumen: La investigación surge de una tesis de maestría y tiene como objetivo identificar, a través de la mediación de la información, las disertaciones y tesis vinculadas a los Programas Brasileños de Posgrado en Ciencias de la Información (PPGCI), que abordan el tema de las mujeres negras y el feminismo negro; así como analizar el contenido informativo mediado conscientemente por los investigadores, destacando la subversión y confrontación del racismo y el sexismo. Metodológicamente se trata de una investigación documental, descriptiva con una fase exploratoria y un enfoque cuanti-cualitativo. El corpus estuvo compuesto por 17 PPGCI académicos, de los cuales 4 tienen disertaciones y tesis centradas en el feminismo negro publicadas en repositorios institucionales entre 2010 y 2020. En la muestra del estudio se recuperaron 4 disertaciones y 3 tesis escritas por mujeres. Los resultados indican que la mediación de contenidos informativos producidos en disertaciones y tesis difunde conocimientos sobre derechos, visibilizando desigualdades sociales de raza y género y acciones de resistencia, apoyando la elaboración de políticas públicas orientadas a la emancipación social de las mujeres negras. Se concluye que es fundamental visibilizar producciones relacionadas con las mujeres negras y el feminismo para subvertir la invisibilización de los lugares de marginación epistémica asignados a las mujeres negras.

Palabras clave: feminismo negro; Mediación de información; Mujeres negras.



Introdução

A presente comunicação é um recorte de dissertação de mestrado, na qual investigouse a mediação da informação sobre os estudos de gênero e feminismo nas dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil. A partir dos resultados obtidos na pesquisa, surgiu-se a necessidade de analisar os trabalhos de conclusão de mestrado e doutorado que tratam de temáticas voltadas para as mulheres negras, buscando contribuir para o enfrentamento ao epistemicídio e subverter à escassez de produção científica sobre o tema (Moura, 2022). No estudo, utilizamos a **mediação da informação** na produção científica enquanto uma ação central que se compromete com pautas de cunho político e social – des(construindo) preconceitos e estereótipos sexistas, classistas e racistas que estruturam a sociedade. As inquietações a respeito da temática, também surgem na escrita da dissertação a partir de uma discussão sobre o conceito de gênero e interseccionalidade no referencial teórico e na análise dos dados obtidos.

Historicamente, os estudos que tratam sobre o conceito de gênero se apresentam enquanto uma ciência que fomenta a desconstrução das relações de dominação masculina – inicialmente associados a contextos gerais, voltados a uma perspectiva na qual as mulheres são vistas enquanto sujeitos universais, ignorando as suas especificidades por meio dos marcadores sociais de raça, classe, etnia, orientação sexual, dentre outras/os. As inquietações sobre o feminismo hegemônico surgem do Movimento de Mulheres Negras, ao questionarem a universalização da categoria mulher e as barreiras enfrentadas por diferentes grupos de mulheres negras no combate ao silenciamento sobre a intersecção do racismo e sexismo, e à invisibilização de suas vozes e experiências (Costa, 2020). Assim, bell hooks (2018) ressalta a importância das mulheres negras no tocante a denúncia de opressões vivenciadas, mas também enquanto um sujeito que protagoniza o enfrentamento ao domínio masculino, classista e sexista, tanto na política quanto na produção de conhecimento feminista.

Desenvolvemos a pesquisa tomando como base epistemológica do feminismo negro a **interseccionalidade**, “[...] a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2019, p. 48), dialogando com os contributos da mediação da informação, pois nas ações de interferência de profissionais da informação (Almeida Junior, 2015) é importante o reconhecimento dos eixos de opressão dos marcadores sociais da diferença, os quais impactam as vivências e acessos das mulheres negras (Silva e Côrtes, 2023). Conforme Almeida Júnior (2015) a mediação da informação implica em:

[...] toda ação de interferência - realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais-, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma



necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p. 25)

Podemos refletir o contexto social das mulheres negras, sob a ótica da mediação da informação e da interseccionalidade verificando como o machismo e o racismo, opressões estruturais, alocam às mulheres negras situações de opressão, presentes no campo científico e na produção de conhecimento. A articulação dos conceitos contribui no sentido de promover pesquisas e ações sob o escopo da mediação da informação como ação que busca alterar sentidos e produzir conhecimentos, em uma perspectiva posicionada, a exemplo das produções científicas que visibilizem as mulheres e o feminismo negro. No contexto desta pesquisa, buscamos visibilizar as produções científicas mediadas sobre mulheres negras e feminismo negro, com vistas ao enfrentamento do feminicídio, compreendido nas trilhas de Sueli Carneiro

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro (Carneiro, 2006, p. 114)

Na pesquisa, abordamos o conceito de gênero como um marcador plural e múltiplo para evitar focar apenas em mulheres com estereótipos dominantes: brancas, cisgênero e heterossexuais. É importante considerar o debate das mulheres negras sobre a **interseccionalidade entre raça e gênero**. O conceito de interseccionalidade proposto por Kimberle Crenshaw (1989) que se refere a ideia de que as diferentes formas de opressões estruturais são indissociáveis, influenciando nas experiências vivenciadas pelos sujeitos, com foco nas mulheres negras. A interseccionalidade evidencia "[...] como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais posicionadas em avenidas identitária, que farão delas vulneráveis a colisão das estruturas e fluxos modernos" (Akotirene, 2019, p. 63).

Angela Davis (2016), em "Mulheres, Raça e Classe", destaca que Sojourner Truth, abolicionista e defensora dos direitos das mulheres, expôs as interseções de raça, gênero e classe em seu discurso. Vítima da escravidão desde os nove anos, Truth denunciou as torturas em um discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em 1851. Sua famosa frase "E eu não sou uma mulher?" questionou a sua exclusão da categoria discutida na convenção. Seu posicionamento na convenção articula gênero, raça e classe. Para tanto, precisamos elucidar o quanto o machismo e o racismo, enquanto eixos de opressão, estruturantes e indissociáveis, subalternizam os lugares em que as mulheres negras ocupam em diferentes sociedades. Este cenário envolve os espaços socioeconômicas, culturais, políticas e educacionais, e o campo científico, no qual por décadas as pluralidades das mulheres negras não eram levadas em consideração. A ciência não foge dos modelos hegemônicos de gênero e raça instituídos pela sociedade, pois é notória a existência do intuito de excluir as mulheres



negras da sua construção. A perspectiva de um feminismo negro, interseccional também na academia auxilia nas discussões de uma teoria crítica feminista, que possa estar atenta às inúmeras singularidades nos modelos de opressão, assim como pensar em estratégias de resistência.

A pesquisadora Carla Akotirene (2019), aponta que o feminismo negro é um projeto ainda em construção, pois as opressões de raça e gênero ainda estão presentes em todos os âmbitos da sociedade. bell hooks (1995) em relato sobre a sua construção intelectual enquanto mulher negra, apresenta as discriminações sofridas desde a infância. Descreve que “[...] ser demasiado inteligente era sinônimo de intelectualidade e isso era motivo de preocupação sobretudo se se tratasse de uma mulher” (p. 465). Para bell hooks, a intelectualidade não era um *status* social ou uma vaidade, mas, sim, um mecanismo de sobrevivência, pois ela tinha consciência de que somente os estudos poderiam oferecer recursos econômicos para viver. Permitir-se ser uma intelectual era adentrar na sua própria realidade e compreender os mecanismos que faziam as pessoas negras viverem em situação de exclusão.

A Ciência da Informação, área fortemente caracterizada pelo seu viés social, tem avançado nas pesquisas sobre mulheres negras, em uma perspectiva interseccional. Destacamos pesquisadoras atuantes e representativas na área, como Mirian de Albuquerque Aquino, Leyde Klébia Rodrigues da Silva (2013, 2014), Maria Aparecida Moura (2017), Joselina da Silva (2019), Dávila Maria Feitosa da Silva, Izabel França de Lima (2022), Gisele Rocha Côrtes e Aurekelly Rodrigues da Silva (2023), Franciéle Garcês-da-Silva (2019), Raquel do Rosário Santos e Ana Claudia Medeiros (2022), dentre outras.

Na atual pesquisa, **mulheres negras** e **feminismo negro** são utilizadas como categorias de análise e de representações temáticas das dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação brasileiros, a partir da mediação da informação enquanto uma ação política que se opõe a neutralidade científica. Trata-se de uma ação posicionada politicamente, o objeto de estudo da Ciência da Informação (Almeida Júnior, 2015), que envolve a apropriação da informação enquanto um resultado final e fundamental para a transformação de realidades e construção de sentidos (Gomes, 2019). A partir dos estudos de mediação da informação e da produção científica, enquanto um instrumento que impacta diretamente nos indicadores de desenvolvimento de qualquer área, sobretudo na Ciência da Informação (Paiva e Ramalho, 2017), partimos do pressuposto que desenvolver pesquisas de mestrado e doutorado sobre mulheres negras e feminismo negro, contribui para visibilidade da realidade vivenciada pelas mulheres negras em seus diversos contextos sociais, disseminação de informação a respeito da cultura negra; e, conseqüentemente, a fomentação de elaboração de políticas públicas e de informação voltadas para as mulheres negras.

O fato de mulheres desenvolverem pesquisas sobre mulheres negras e feminismo negro é uma ação protagonista, que busca a visibilidade no campo científico e desafia esquemas hegemônicos baseados em racismo e sexismo. A análise das práticas científicas das mulheres é uma *práxis* política que pode desnaturalizar a estrutura androcêntrica e racista. Esta *práxis*



política reflète a **dimensão política da mediação consciente da informação** (Sardenberg, 2002; Gomes, 2019).

Considerando as premissas apresentadas, indagamos: Quais são as dissertações e teses dos PPGCIs acadêmicos do Brasil, indexadas nos repositórios institucionais, que abordam sobre mulheres negras e feminismo negro como tema de estudo e quem são as/os pesquisadoras/es que mediaram conteúdos informacionais atinentes às temáticas em questão?

Desta forma, o objetivo da pesquisa é, por meio da perspectiva da mediação da informação, identificar e mapear as dissertações e teses produzidas sobre mulheres negras e feminismo negro nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, que estão disponíveis nos repositórios institucionais. Além disso, visa identificar as/os pesquisadoras/es que foram responsáveis pela mediação dos conteúdos informacionais relacionados a essas temáticas.

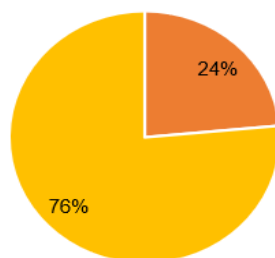
Procedimentos metodológicos

Caracteriza-se enquanto uma pesquisa exploratória e documental, utilizando a abordagem quanti-qualitativa (Minayo; Sanches, 1993). Inicialmente, a pesquisa foi conduzida na Plataforma Sucupira para identificar os programas de pós-graduação em Ciência da Informação existentes no Brasil, resultando em um total de 17 programas na área de Informação e Comunicação durante o período de pesquisa. A primeira fase da coleta de dados ocorreu em novembro de 2020; já os dados referentes às pesquisadoras, na Plataforma Lattes, foram obtidos em maio de 2021. Em seguida, foram realizadas buscas por dissertações e teses nos repositórios institucionais, utilizando as palavras-chave mulheres negras e feminismo negro no campo assunto. A busca recuperou apenas 5 dissertações e 3 teses defendidas em uma década, entre 2010 e 2020, contendo os termos no título, resumo ou palavras-chave, formando o *corpus* desta pesquisa. A escolha dos Repositórios Institucionais se justifica pelo seu foco direto nas produções intelectuais de institutos de pesquisa (Leite, 2009). O recorte temporal selecionado se deve ao fato de que a primeira dissertação defendida sobre os estudos de gênero nos PPGCIs ocorreu em 2010. Os resultados serão apresentados por meio de quadros e gráficos, exibindo: o número de dissertações e teses defendidas por ano e por programa, informações sobre as dissertações e teses (autores/as, orientadores/as, palavras-chave e ano de defesa), além do gênero das autorias dos estudos e dos/as orientadores/as. Por fim, exibiremos uma nuvem de *tags*, utilizada para destacar as palavras-chave utilizadas nas dissertações e teses.

Dissertações e teses sobre as temáticas mulheres negras e feminismo negro

Na Plataforma Sucupira foram recuperados 17 PPGCIs acadêmicos, porém, desses, apenas 4 contemplaram pesquisas sobre mulheres negras e feminismo negro durante o período analisado (2010-2020), que corresponde a 24% do total. conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Comparativo do total de PPGCIs acadêmicos e os que contemplaram pesquisas sobre mulheres negras e feminismo negro



■ PPGCIs que tiveram pesquisas sobre mulheres negras e feminismo negro
■ PPGCIs que não tem pesquisas sobre mulheres negras e feminismo negro

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Com o intuito de destacar os PPGCIs e as teses e das dissertações analisadas neste estudo, o Quadro 1 apresenta os programas em que as/os pesquisadoras/es abordaram as temáticas mulheres negras e feminismo negro, fornecendo os dados quantitativos das dissertações e teses disponíveis nos repositórios das instituições de ensino superior no Brasil, durante o período de pesquisa.

Quadro 1: Dissertações e teses sobre mulheres negras e feminismo negro por autoria, orientação, ano e PPGCI

Dissertações			
Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/UFPB	2014	Leyde Klébia Rodrigues da Silva	Mirian de Albuquerque Aquino
Práticas informacionais e a construção da competência crítica da informação: um estudo na Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/UFPB	2019	Daniella A. de Melo	Edvaldo C. Alves
A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma			



abordagem de representatividade social			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/UFBA	2019	Vanessa Jamile Santana dos Reis	José Carlos Sales dos Santos
Construções identitárias & TICs: o caso do blog "Blogueiras Negras"			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/USP	2019	Thais Pereira da Silva	Marco Antônio Almeida
Teses			
Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua – Maranhão			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/UFBA	2018	Cleyciane Cássia M. Pereira	Maria Isabel S. Barreira
Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/IBICT-UFRJ	2020	Leyde Klébia R. da Silva	Gustavo Silva Saldanha
A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo			
Programa	Ano de defesa	Autoria	Orientação
PPGCI/USP	2020	Bianca Maria Santana de Brito	Marco Antônio Almeida

Fonte: Dados da pesquisa (2022).



Ao todo foram recuperadas 4 dissertações; nas instituições UFPB (2), UFBA (1) e USP (1); e 3 teses nas universidades UFBA (1); UFRJ (1); e USP (1) sobre a temática entre os anos de 2014 e 2020, o que reforça a incipiência de trabalhos de conclusão de mestrado e doutorado no que se refere às mulheres negras e feminismo negro. Tal cenário é um reflexo do racismo e machismo epistêmico, que invisibiliza a produção científica, representação temática da vivência, da cultura e da memória das mulheres negras no âmbito social, cultural e político. Destacamos a ação protagonista da pesquisadora Leyde Klébia Rodrigues da Silva, a única desenvolvendo a sua dissertação e tese sobre a temática. Destaca-se que a pesquisadora negra Leyde Klébia, foi orientada da profa. Dra. Mirian de Albuquerque Aquino, vanguardista e protagonista pesquisadora sobre a temática racial na Ciência da Informação.

Também notamos o protagonismo do PPGCI/UFPB, programa com 2 dissertações sobre o tema, em que a primeira pesquisa foi defendida, em 2014, sobre mulheres negras. Tal fato decorre das pesquisas e do grupo de pesquisa criado e coordenado pela Profa. Mirian de Albuquerque Aquino, o Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas (GEINCOS) e posteriormente do Núcleo de Estudos em e Relações Étnico-Raciais (NEPIERE).

Pioneira na Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, buscou e abriu portas para criar espaços, onde fosse possível discutir as questões étnico-raciais e de gênero nestes campos. Sua trajetória de vida, suas publicações, suas orientações e suas pesquisas inspiram pessoas a criarem projetos. Seu legado vai além dos muros da universidade, fez com que pessoas, assim como ela buscassem o caminho da educação e da pesquisa, de uma educação libertadora e transformadora (Silva e Saldanha, 2021, p. 11).

Para que a mediação da informação sobre mulheres negras e feminismo negro possa ser mais efetiva no âmbito científico, sobretudo na área da Ciência da Informação, Gisele Côrtes e Aurekelly Silva (2023) enfatizam a importância das ações extensionistas que possam ser executadas, tanto nas unidades de informação; como também, acrescentamos: nas pesquisas delineadas nos programas de pós-graduação. Em relação ao gênero das autorias e orientações das dissertações e teses coletadas, neste estudo, identificamos que todas as pesquisas foram escritas por mulheres, o que reforça o comprometimento político das pesquisadoras. Em contrapartida, no tocante às orientações, é perceptível a participação dos homens, com 3 dissertações e 2 teses orientadas.

Notamos a ação protagonista das mulheres negras nos PPGCIs e na escrita destas pesquisas sobre a temática, pois das 6 pesquisadoras, identificamos, por meio das imagens disponibilizadas no currículo *lattes*, que 4 são negras, o que reforça a ótica de Ana Moura, Gisele Côrtes e Aurekelly Silva (2023), ao constatarem que as mulheres que escrevem sobre mulheres e estudos de gênero na área da CI, estão expondo as opressões vivenciadas em diversos



âmbito da Ciência da Informação, também corrobora para a construção de uma teoria crítica feminista com a ótica voltada para os eixos estruturais de subordinação que perpassam pelas experiências vividas pelas mulheres, desconstruindo paradigmas andocêntricos e racistas que estão presentes no âmbito científico.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- Almeida Júnior, O. F. de. (2015). Mediação da informação: um conceito atualizado. Em Bortolin, S., Santos Neto, J. A. ; Silva, R. J. (org.). *Mediação oral da informação e da leitura* (pp. 9-32). Londrina: Abecin.
- Carneiro, S. (2006). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Côrtes, G. e Silva, A. R. (2023). Feminismo negro, interseccionalidade e mediação da informação. *Revista Folha de Rosto*, 9(2), 242-268.
- Costa, S. S. (2020). Trajetória do feminismo negro no Brasil: movimentos e ações políticas. Em Anais do XIII Encontro Estadual de História (Ed.). *Histórias e mídias: narrativas em disputa*, Recife, 15 a 18 de setembro de 2020 (pp. 1-17). Recife: ANPUH.
- Crenshaw, K. (1989). *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. Disponível em: <https://philpapers.org/archive/CREDTI.pdf?ncid=txtlnkusaolp00000603> [Consulta 28/02/2024]
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Garcês-da-Silva, F. (2019). A inserção das temáticas africana e afro-brasileira e o ensino de Biblioteconomia: avaliação em Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 15, 112-130.
- Gomes, H. F. (2019). Protagonismo social e mediação da informação. *Logeion: Filosofia da Informação*, 5(2), 10-21.
- Hooks, B. (1995). Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, 3(2), 478-646.
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- Leite, F. C. L. (2009). *Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto*. Brasília: IBICT.
- Minayo, M. C. S., Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.
- Moura, A. P. (2022). *A mediação da informação sobre mulher, gênero e feminismo nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil* (Dissertação de mestrado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- Moura, A. P. S., Côrtes, G. R., Silva, A. R. (2023). Mediação consciente da informação: o protagonismo social das dissertações sobre mulheres e feminismo dos Programas de Pós-



Graduação em Ciência da Informação do Brasil. *Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação*, 16, 1-23.

Moura, M. A. (2017). Narrativas culturais, protagonismo e mundo comum. Em H. F. Gomes e H. F. Novo (org.), *Informação e protagonismo social* (pp. 93-106). Salvador: EDUFBA.

Paiva, E. B., Ramalho, F. A. (2017). Usuários da informação: a produção científica no periódico 'Perspectivas em Gestão & Conhecimento'. *Informação em Pauta*, 2, 47-68.

Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras.

Santos, R. R., Sousa, A. C. M. (2022). Práticas mediadoras nas narrativas de Ivo Tavares: representatividade e ressignificação identitária da periferia de Salvador. Em *Anais do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Porto Alegre, 7 a 11 de novembro de 2022 (pp. 1-16). Porto Alegre: ANCIB.

Sardenberg, C. M. B. (2002). Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? Em Costa, A. A., Sardenberg, C. M. B. (org.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR).

Silva, D. M. F., Viana, A. R. L., Cavalcante, G. F. F., e Lima, I. F. (2022). Memória e decolonialidade: a poética de Tatiana Nascimento nas mídias sociais. Em *XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Porto Alegre, 7 a 11 de novembro de 2022 (pp. 1-18). Porto Alegre: ANCIB.

Silva, L. K. R., e Aquino, M. A. (2013). Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, 8(1).

Silva, L. K. R., e Aquino, M. A. (2014). Fontes de informação na web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. *Transinformação*, 26(2), 203-212.

Silva, J. (2019). Meu baobá genealógico: histórias e memórias de mulheres que me sustentam. *ReDoc: Revista Docência e Cibercultura*, 3(3), 263-270.

Silva, L. K. R., e Saldanha, G. S. (2021). As tranças resistem: feminismo negro e epistemologia social a partir de trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em *XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 25 a 29 de outubro de 2021 (pp. 1-18). Rio de Janeiro: ANCIB.

Tonello, I. M. S., Lunardelli, R. A., Almeida Júnior, O. F. (2012). Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação. *Ponto de Acesso*, 6(2), 21-34.

